

Décio Pignatari: um fazedor octogenário para muitos e muitos séculos

Omar Khouri

RESUMO:

Décio Pignatari. Poeta. 80 anos. Homenagem.

ABSTRACT:

Décio Pignatari. Poet. 80 years old. Homage.

PALAVRAS-CHAVE:

Décio Pignatari, poesia, poesia concreta.

KEYWORDS:

Décio Pignatari, poetry, concrete poetry.

Não sendo propriamente um nome inédito – pois é conhecido colaborador da Rev. Brasileira de Poesia e dos suplementos literários paulistanos, o sr. Décio Pignatari é todavia um de nossos poetas mais moços e um dos que se apresentam com melhores credenciais para um destino de realizações imprevisíveis.

1ª orelha do livro *O Carrossel*, 1950. Texto não assinado

Há criadores e criadores. Poetas e poetas. Há poetas que, dada a complexidade de seus poemas e do alto grau de novidade que os mesmos trazem, acabam sendo mais poetas para poetas, como é o caso de alguns dos que se empenharam na pesquisa de novas formas e chegaram, de fato, a um novo procedimento, como que inaugurando uma nova época, um novo modo de fazer. São os **inventores**, como colocou Ezra Pound, numa classificação dos



escritores (poetas, entenda-se; e podemos estendê-la aos criadores em geral), ou seja, “Homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo” (POUND, 1970, p.42). E nesse departamento se encontram: Mallarmé, Schoenberg, Duchamp e tantos outros.

É claro que nada vem do nada e que toda grande obra é frutificação do que de melhor a tradição vem plantando e que muitas das revoluções artísticas resultaram de um esforço conjunto, como foi o caso da Renascença, do Impressionismo, da Poesia Concreta. Décio Pignatari é co-inventor da Poesia Concreta. Antes, já era um excepcional jovem *versemaker*: sua poesia em versos conta. Veja-se o seu fernandopessoal (como ele-mesmo costuma dizer em tom de brincadeira) EUPOEMA, de 1951, cuja primeira publicação é de 1952 (PIGNATARI, 2004, p.53):

EUPOEMA

O lugar onde eu nasci nasceu-me
num interstício de marfim,
entre a clareza do início
e a celeuma do fim.

Eu jamais soube ler: meu olhar
de errata a penas deslinda as feias
fauces dos grifos e se refrata:
onde se lê leia-se.

Eu não sou quem escreve,
mas sim o que escrevo:
Algueres Alguém
são ecos do enlevo.

E Décio Pignatari tem sido grande em tudo o que tem praticado: da Poesia à Teoria e Crítica da Literatura e das Linguagens em geral (foi o pioneiro nos estudos e divulgação da Semiótica peirceana no Brasil), passando pela Prosa Ficcional e de Reminiscências (*O rosto da memória*, contos, *Panteras*, romance, *Errâncias*, comentários suscitados por imagens fotográficas: prosa que chega às alturas de um Machado de Assis), pela Tradução de Poesia, tornando-se um **tridutor** (CAMPOS ET ALII, 1974, p.85-105) e pela incursão na Performance e no Teatro (chegou a propor um teatro holográfico). Polemista exemplar, sempre defendeu idéias (tinha por que lutar). E como as defendeu! Generoso e implacável, desenhou um tipo inconfundível para si, despertando o fascínio naqueles que tiveram olhos para as suas excepcionais qualidades e os ódios dos que, invejosos ou incapazes de compreender o seu trabalho, eram impietosamente fulminados por seus argumentos. Nisso, era muito parecido e chegou a aprender com o pintor Waldemar Cordeiro, cujo legado está ainda para ser melhor avaliado. Parecido também - sempre se arriscou a ganhar um inimigo para não perder a chance de uma tirada genial: humorístico-destruidora - com o tão admirado por ele Oswald de Andrade que, no esmaecer da existência, recebeu os futuros componentes do Grupo Noigandres e se simpatizou especialmente com Décio Pignatari.

Não chegou a haver propriamente um diálogo dos concretos (Décio Pignatari e os irmãos Campos, Augusto e Haroldo) com Drummond (este tomou conhecimento e até chegou a elogiar os primeiros livros do trio: *O Carrossel*, *Auto do Possesso* e *O Rei*





Menos o Reino. Nessa fase pré-concreta, deve ter havido apenas um encontro - o único - no Rio de Janeiro), que se mostrou arredio e agressivo com relação à Poesia Concreta. Pois é, o mega-poeta Carlos Drummond de Andrade, que embora devesse coisas a Oswald de Andrade, tampouco o havia compreendido ou fingiu não tê-lo compreendido. Daí que Décio Pignatari foi capaz da mais bela análise que se fez de poema de Drummond: "Áporo" (PIGNATARI, 1971, p.131-7) e das maiores blagues e ofensas: por ocasião dos 80 anos do poeta de Itaboraí e logo após sua morte, desvendando "o enigma Drummond". Grosso-fino: uma quase-teoria do próprio Décio Pignatari.

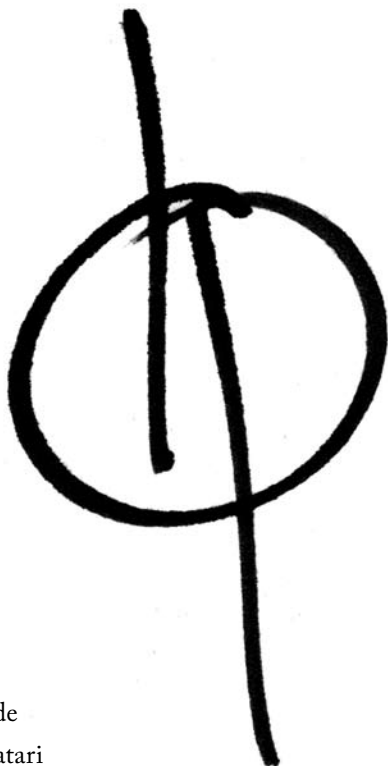
Foi como professor universitário que Décio Pignatari conseguiu um maior número de admiradores. Aulas sempre esperadas com ansiedade, incríveis: invariavelmente um lance de extrema inteligência, uma interpretação não esperada, uma revelação, um paradoxo. E deixou outros afazeres profissionais (nunca exerceu a profissão de advogado - formado que era em Direito, pela Faculdade do Largo de São Francisco - e fechou sua agência de publicidade, mesmo não estando no vermelho e tendo criado nomes até hoje em circulação, como o notável LUBRAX) exatamente para exercer a docência, tendo passado pelo Rio de Janeiro (ESDI), por Marília, São Paulo (PUC e FAU-USP), Curitiba, onde reside atualmente.

Poder-se-ia organizar um livro inteiro com frases-aforismos de Décio Pignatari e aqui só me reportarei a algumas, ouvidas por mim-mesmo:

- **Seus aristocratas de subúrbio!** (Disse, nos anos 70, inúmeras vezes, para alguns dos frequentadores das conversar em bares como o Krystal e o Leo, poetas, pessoas de alto repertório que teimavam em ministrar aulas em escolas dos então 1º e 2º Graus. Deveriam ingressar na Pós-Graduação e lecionar na Universidade, aconselhava).

- **A crônica [o seu exercício] está destruindo a prosa brasileira.** (Aludindo à praga de escritores ficcionistas que estavam a se dedicar à crônica nos grandes jornais, em detrimento de uma narrativa mais conseqüente).

- **Existem grandes escritores do segundo time, como é o caso de José de Alencar.** (Isto ele disse numa conferência em Fortaleza-CE, portanto, “na toca do lobo”).



Assinatura de
Décio Pignatari

- **Best-seller não é Literatura.** (A mim, ao telefone, para encerrar um assunto que, para ele, não tinha a menor importância).

- **Pois é, nós fizemos todo um rastreamento crítico, elaboramos todo um paideuma, falamos sobre o melhor do melhor e agora estamos nas mãos dos medíocres!** (Ouvi dele, numa tarde, no Krystal Chopp e não ousei perguntar quem seriam os medíocres).

- **Prometemos a nós-mesmos - considerando**

a solidão intelectual e artística a que ficou relegado Oswald de Andrade naquela São Paulo - que jamais romperíamos a amizade, por mais que viessem a existir diferenças entre os nossos trabalhos. (Isto, em diversas ocasiões. O “nós”= Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos. Ter ou não ter interlocutores: eis a questão).

- **Omar, a palavra “merda” não faz falta a texto algum!** (Eu comentava com ele a recusa que recebi de publicação de um texto meu em um suplemento literário, sob a alegação de que a aludida palavra traria problemas para o editor-responsável).

- **É admirável a ensaística de Octavio Paz! O homem discorre sobre política internacional, culinária mexicana, filosofia oriental, Mallarmé, Duchamp, em sendo um poeta. Não há um poeta brasileiro capaz de ter essa abrangência. Veja o Drummond, por exemplo: como comentador do mundo é sofrível... Agora se formos comparar o Paz-poeta com o Drummond-poeta, veremos que este é infinitamente superior... (...).**

Muito embora tudo o que se refira a Décio Pignatari interesse àqueles que o admiram, sua poesia é a parte de sua obra que maiores conseqüências trouxe para a arte no Brasil e no mundo: seus poemas entram como algumas das mais belas realizações artísticas do século XX (e o poeta continua em atividade): UM MOVIMENTO (um móbile: Calder operando palavras no branco da página), (BEBA) COCA COLA (do anúncio ao anti-anúncio), TERRA (uma visão aérea da lida na terra; uma divisão de terras no espaço em branco), LIFE (verdadeiramente um cine-poema, o poema que se gesta e explode em LIFE), ORGANISMO (opera um *travelling* com uma câmara computadorizada, em pleno 1960. Ou seja, antecipa toda uma série de possibilidades do então futuro), NOOSFERA (que ele insiste em classificar como prosa. De fato, chega a namorar o épico, um épico-relâmpago: a epopéia do mais-pesado-que-o-ar, que adentra o céu do cérebro). No (BÉBA) COCA COLA, poema de 1957 esp. (NOIGANDRES 4/1958) construído com o tipo futura (extra-bold) aplicando o rígido geometrismo, tão característico da fase dita ‘ortodoxa’ da Poesia Concreta, nota-se o espetacular encontro de inteligência e sensibilidade de que resulta a obra-de-arte. Partindo do famoso slogan **beba coca-cola** -

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola

c l o a c a

perfeito em português, com seu ritmo trocaico; melhor do que o original em inglês, mesmo sendo deste uma tradução literal - sem acrescentar uma única letra, desconstrói-o, reconstruindo-o em forma de anti-anúncio (importante a audição da composição de Gilberto Mendes “Motet em ré menor” - MENDES, 1979). Aí estão apenas poucos exemplos daquilo que faz de Décio Pignatari o maior olho tipográfico do século XX, juntamente com e. e. cummings.

Agora, no momento de seu octogésimo aniversário, Décio Pignatari - cidadão-do-mundo, despertou para a vida em Osasco, radicando-se, depois, em São Paulo; porém, é natural da cidade de Jundiaí, interior do Estado de São Paulo: nasceu em 20 de agosto de 1927 (21 de agosto pelo registro de nascimento). Nessas décadas todas, rodou o mundo, tendo empreendido viagem que ficou famosa, nos anos de 1950, pela Europa, ocasião em que conheceu figuras geniais como ele: Cage, Boulez, Eugen Gomringer e tramou com este, mais a cumplicidade dos irmãos Campos, o movimento que veio a se chamar Poesia Concreta] mostra-se tão vivo e produtivo como sempre. Muito embora o nome de Décio Pignatari freqüente as mais arrojadas abordagens de Poesia do século XX, no Brasil e no Mundo, não existem, até onde eu saiba, estudos que aprofundem uma análise global de sua obra: eis a chance de um trabalho importante! “Eu não sou quem escreve, mas sim o que escrevo”. Decius dixit. GOD BLESS THE POET!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Augusto de et alii (2006). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Cotia-SP: Ateliê.
- _____. (1974). *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva-Edusp.
- PIGNATARI, Décio (1971). *Contracomunicação*. São Paulo: Perspectiva (Col. Debates, 44).
- _____. (2000) *Errâncias*. São Paulo: Ed. SENAC.
- _____. (1950). *O Carrossel*. São Paulo: Cadernos do Clube de Poesia.
- _____. (1986). *O Rosto da Memória*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1992). *Panteros*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. (1977). *Poesia Pois É Poesia 1950/1975*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____. (1986). *Poesia Pois É Poesia 1950. 1975 Po&tc 1976. 1986*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2004). *Poesia Pois É Poesia 1950/2000*. Cotia-SP: Ateliê.
- POUND, Ezra (1970). *ABC da Literatura*. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix-CEC.

LP

- GILBERTO MENDES (1979). São Paulo: London (Emi-Odeon).

IMAGENS

1. Fotos feitas por Omar Khouri, em São Paulo, domingo, dia 05 de junho de 2005
2. Rubrica de Décio Pignatari
3. Poema (BEBA) COCA-COLA . 1957

DEPOIMENTOS INFORMAIS

- Augusto de Campos, em diversas ocasiões.
 Décio Pignatari, idem.

OMAR KHOURI

Prof. da FACOM/FAAP e do IA-UNESP.

Formado em História pela FFLCH da USP, Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica (Literaturas-Artes) pela PUC-SP. É poeta, artista gráfico e crítico de linguagens.